

BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS COMO ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM

MARCOS LEANDRO FREITAS HUBNER*
ANA CAROLINA ARAUJO KUHN**

RESUMO

As bibliotecas são espaços de preservação do patrimônio intelectual, literário, artístico e científico das sociedades e apresentam uma relação indissociável com as universidades. O presente artigo propõe uma reflexão sobre as bibliotecas universitárias enquanto espaços de aprendizagem. Reflexão teórica acerca dos conceitos de biblioteca e aprendizagem, a partir de revisão bibliográfica. A fundamentação teórica sobre o processo de aprendizagem baseou-se nos estudos de Lev Semenovich Vygotsky e as análises sobre a biblioteca como um espaço de aprendizagem sustentam-se em diversos autores das áreas da Biblioteconomia, da Ciência da Informação e da Educação. A Biblioteca universitária relaciona-se intrinsecamente com a pesquisa e com o processo de ensino e aprendizagem, através do desenvolvimento de atividades de mediação junto aos usuários, na busca pela informação e na transformação desta em conhecimento. Dentre os diversos ambientes não formais de aprendizagem, a biblioteca universitária destaca-se, pois há intencionalidade no seu uso, ou seja, as pessoas que a frequentam o fazem por vontade e iniciativa próprias.

PALAVRAS-CHAVE: Biblioteca universitária. Espaços de aprendizagem. Aprendizagem. Aprendizagem não formal.

ABSTRACT

UNIVERSITY LIBRARIES AS LEARNING SPACES

Libraries are spaces for the conservation of a society's intellectual, literary, artistic and scientific heritage, and have had an inseparable relationship with universities. This article proposes to reflect upon university libraries as learning spaces. Theoretical reflection on the concepts of library and learning from literature review. The studies of Lev Vygotsky make up our theoretical foundation about learning processes and our analysis on the library as a learning space finds

* Universidade Federal de Rondônia. Prof. no Departamento de Ciência da Informação. marcos.hubner@unir.br

** Universidade Federal de Rondônia. Programa de Pós-graduação em Psicologia. anacarolinakuhn@gmail.com

support in various authors from the fields of Librarianship, Information Science and Education. The university library is intrinsically related to research and the teaching-learning process through the development of mediatory activities with its users in the search for information and in its transformation into knowledge. Among the many non-formal learning environments, the university library stands out as to the intentionality in its usage, that is, people frequent it out of their own will and initiative.

KEYWORDS: University library. Learning spaces. Learning. Non-formal learning.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Acredita-se que o desenvolvimento de uma nação está fortemente atrelado ao acesso à educação. Países com democracia consolidada, economia estável e com direitos civis garantidos são aqueles que valorizam a educação e buscam assegurá-la, como direito fundamental, a todos os seus cidadãos. Barros e Mendonça (1998, p. 1) destacam que “o nível educacional da população adulta de um país é o resultado de décadas de investimento em educação”. Segundo os autores, estes investimentos conduzem a efeitos privados, ou seja, aqueles que incidem sobre o indivíduo, e efeitos externos, que abrangem a sociedade como um todo. Do ponto de vista privado, a educação tende a “elevar os salários via aumento de produtividade, aumentar a expectativa de vida com a eficiência com que os recursos familiares existentes são utilizados e a reduzir o tamanho da família, com o declínio no número de filhos e aumento na qualidade de vida destes, reduzindo, portanto, o grau de pobreza futuro” (BARROS; MENDONÇA, 1998, p. 1).

Nas últimas décadas, o Brasil vem passando por um processo de expansão da educação básica (educação infantil, ensino fundamental e ensino médio), com ampliação do acesso e permanência na escola. Com isso, uma nova realidade impõe-se às instituições de ensino superior.

A crescente busca pela educação superior traz desafios às universidades e faculdades. Estas instituições estão expandindo suas áreas de atuação, com a criação de novos cursos e investindo, seja em programas de ensino inovadores ou em espaços de aprendizagem, para garantir a qualidade de ensino. Dentre os muitos espaços que compõem uma universidade, a biblioteca é privilegiada, pois ela serve de apoio àquelas que são as atividades fundamentais da academia: o ensino, a pesquisa e a extensão.

As bibliotecas universitárias são instituições presentes na trajetória da formação acadêmica da maioria dos estudantes do

ensino superior, contribuindo para o seu crescimento pessoal e profissional e inserindo-os no universo da pesquisa. Exercem, portanto, um papel central no cotidiano da universidade. Elas são espaços repletos de vida e movimento, onde circulam pessoas em busca de informações, de aprimoramento do conhecimento e de ampliação da cultura. Martins (2010, p. 12) destaca que, nos tempos atuais, “temos assistido a uma proliferação crescente das bibliotecas como espaços de aprendizagem, como porta de acesso ao conhecimento, como força viva para a educação, cultura e informação”.

O presente artigo tem como objetivo propor uma reflexão sobre a biblioteca universitária enquanto espaço de aprendizagem, em virtude de a mesma estar intrinsecamente ligada ao processo de aprendizagem, além de ser um espaço privilegiado no cenário acadêmico, que vai muito além do armazenamento de fontes informacionais.

2 BIBLIOTECA COMO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM

Ao estudar-se a biblioteca como espaço de aprendizagem, é importante analisar os conceitos de espaço e de aprendizagem, a fim de poder relacioná-los ao universo das bibliotecas.

2.1 Aprendizagem

Diversas são as correntes das ciências humanas e sociais que buscam explicar como ocorre o processo de aprendizado e desenvolvimento humano. Ao longo do tempo, diferentes olhares investigativos têm produzido posturas e formas de entender e explicar a aprendizagem de modo muito diverso. Dessa forma, encontrar um conceito único de aprendizagem é uma tarefa um tanto complexa, provavelmente impossível. Assim, optou-se pelo conceito de Oliveira (2010):

Aprendizagem é o processo pelo qual o indivíduo adquire informações, habilidades, atitudes valores, etc. a partir de seu contato com a realidade, com o meio ambiente e com as outras pessoas. É um processo que se diferencia dos fatores inatos (a capacidade de digestão, por exemplo, que já nasce com o indivíduo) e dos processos de maturação do organismo, independentes da informação do ambiente (a maturação, por exemplo) (OLIVEIRA, 2010, p. 59).

Martins (2010) destaca que a análise da construção do conhecimento e do processo de elaboração mental em nível individual ou coletivo é difícil de fundamentar-se em uma única interpretação. Neste artigo, são considerados, especialmente, os estudos de Lev Semenovitch Vygotsky, procurando relacionar as suas concepções de como ocorre a aprendizagem com a análise do papel da biblioteca enquanto espaço efetivo de aprendizagem.

Vygotsky, em sua primeira publicação, intitulada *Psicologia Pedagógica*, destaca que, “do ponto de vista científico, não se pode educar a outrem (diretamente). Não é possível exercer uma influência direta e produzir mudanças em um organismo alheio, só é possível educar a si mesmo, isto é, modificar as reações inatas através da própria experiência” (VYGOTSKY, 2003, p. 75).

Nesta mesma obra, enfatiza, ainda, que “o processo educativo é trilateralmente ativo: o aluno, o professor e o meio existente entre eles, são ativos” (VYGOTSKY, 2003, p. 79). Segundo ele, estes três elementos – aluno, professor, meio – têm função relevante na aprendizagem, pois há uma interdependência entre os mesmos.

Vygotsky é considerado um teórico sociointeracionista, pois atribuía um papel central às relações sociais para o desenvolvimento intelectual, defendendo a ideia de que o processo de aquisição de conhecimentos ocorre através de interações entre sujeitos mediadas pelo meio historicamente construído. A relação do homem com o mundo não é direta, mas fundamentalmente mediada. O conceito de mediação constitui-se em um elemento essencial para explicar o processo educativo através de uma perspectiva sociointeracionista. Mediação, segundo Oliveira (2010, p. 28), é o “processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa, então, de ser direta e passa a se mediada por esse elemento”.

Vygotsky estudou a psicologia infantil e, conforme Rosa (2011), preocupou-se com uma questão clássica da psicologia: qual a influência da aprendizagem no desenvolvimento mental da criança? Rosa (2011) analisa que, no mesmo período em que Vygotsky realizava seus estudos, três correntes da Psicologia tentavam responder a esta questão. A primeira defendia que a aprendizagem deveria seguir o desenvolvimento do aluno, ou seja, o professor seria responsável por identificar o estágio de desenvolvimento do aluno e programar as atividades a partir deste estágio. A segunda corrente partia do pressuposto de que aprendizagem e desenvolvimento eram sinônimos. A terceira corrente procurava unir as duas primeiras por acreditar que uma não invalidava a outra. Vygotsky posicionava-se de

maneira diversa e afirmava que “o processo de desenvolvimento não coincide com o da aprendizagem, o processo de desenvolvimento segue o da aprendizagem, que cria a área de desenvolvimento potencial” (VYGOTSKY, 2001, p. 116). É neste aspecto que se encontra o cerne da teoria de Vygotsky. Ele defendia a ideia da existência de dois níveis de desenvolvimento: um real, que determina o que a criança já é capaz de realizar sozinha, e um potencial, que seria a sua capacidade de aprender através da ação de outra pessoa. Entre estes dois níveis, há a zona de desenvolvimento proximal que se constitui na distância entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas, sob a orientação de um adulto ou em colaboração com colegas mais capazes (VYGOTSKY, 1998, p. 112).

É a zona de desenvolvimento proximal que fornece aos psicólogos e educadores a ferramenta através da qual pode ser compreendido o curso interno do desenvolvimento, permitindo a tomada de decisões, considerando-se os ciclos e processos de maturação que já estão completos, além dos que estão em estado de formação (FINO, 2001). Assim, a zona de desenvolvimento proximal permite:

[...] delinear o futuro imediato da criança e seu estado dinâmico de desenvolvimento, propiciando o acesso não somente ao que já foi atingido através do desenvolvimento, como também aquilo que está em processo de maturação (VYGOTSKY, 1998, p. 113).

Para Vygotsky, o aprendizado infantil começa muito antes de as crianças frequentarem a escola. Qualquer situação de aprendizado vivenciada por elas, nas escolas, encontra-se amparada por histórias prévias (VYGOTSKY, 1998). Para ele, a meta da educação não é a adaptação do aluno ao meio já existente, mas, sim, a criação de um ser humano capaz de olhar para além de seu meio (VYGOTSKY, 2003). Ao analisar a influência do meio, Vygotsky destaca, ainda:

O ambiente também não é algo totalmente estático, rígido e invariável. Pelo contrário, na realidade concreta não existe um meio único. Ele se divide em uma série de fragmentos mais ou menos independentes e isolados uns dos outros, e esses fragmentos podem ser objetos de influência inteligente do ser humano. Em suma, o meio é para o ser humano o meio social, porque quando aparece, com relação ao homem, como meio natural, sempre estão presentes aspectos sociais determinantes. Em suas relações com o ambiente, o ser humano sempre utiliza sua experiência social.

(VYGOTSKY, 2003, p. 79).

Para as pesquisadoras Juceviciene e Tautkeviciene (2003), a abordagem contemporânea em relação à aprendizagem sustenta que ela não ocorre apenas em sala de aula, mas onde quer que os alunos tenham acesso a fontes de informação e possam utilizá-las na construção de novos significados e conhecimentos. A educação transcende o espaço das salas de aula. Nico (2008, p. 1) enfatiza que:

A aprendizagem não tem fronteiras físicas, sociais, culturais ou institucionais. Na realidade, os conhecimentos que acumulamos, as capacidades e competências que edificamos ou as atitudes que desenvolvemos são o resultado dos episódios de aprendizagem que, ao longo de toda a nossa vida e em todas as suas dimensões, vamos concretizando.

A educação formal é aquela que acontece no espaço da sala de aula, ou seja, um local que assumiu o ato de ensinar como seu objetivo. Na educação não formal, não restrita aos bancos acadêmicos e escolares, os espaços educativos, segundo Gohn (2006, p. 29), “localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas, em locais informais, locais onde há processos interativos intencionais”. Na contemporaneidade, a multiplicidade de espaços de aprendizagem tem diminuído a potencialidade de ensinar/aprender dos espaços tradicionais, como é o caso da escola.

Vygotsky, como já foi enfatizado anteriormente, estudou o desenvolvimento psicológico e intelectual de crianças. Entretanto, a sua concepção de que os sujeitos aprendem através de relações sociais, mediadas pelo meio historicamente determinado, é passível de ser aplicada a indivíduos adultos. Vygotsky (2001) ressalta que ainda não se descreveu adequadamente o que diferencia a aprendizagem do adulto da aprendizagem da criança. Contudo, aprende-se constantemente ao longo da vida. Mesmo com o passar dos anos e com acúmulo de experiência, sempre há muito de novo a ser aprendido. Assim, também os adultos estabelecem suas relações de aprendizado mediados por um meio social, cultural e histórico. As histórias prévias de cada pessoa influenciam e são o alicerce para novos aprendizados. A aprendizagem de cada aluno depende de sua própria ação. Vygotsky (2003, p. 75) observa que “na base do processo educativo deve estar a atividade pessoal do aluno”. Simons, Young e Gibson (2000) e Elbeshausen (2007) relacionam a teoria de Vygotsky às bibliotecas enquanto espaços de aprendizagem. A

aprendizagem, nestes espaços, ocorre através da relação entre colegas, professores e bibliotecários. São, portanto, espaços de interação e de aprendizado mediado.

Vygotsky (2003) afirma que não se impõe nada, não sendo possível mudar o outro. Porém, é a própria pessoa que altera as suas reações inatas através da experiência com as coisas do mundo. No uso dos espaços da biblioteca, o encontro de grupos para o estudo parece ser um dos indicativos de sua importância para a aprendizagem.

As bibliotecas constituem-se em espaços informais de aprendizagem, repletos de oportunidades para as relações entre sujeitos e entre sujeitos e objetos de estudo, que contribuem para que os alunos e demais usuários de uma biblioteca universitária possam, através de atividades mediadas por bibliotecários, professores e colegas, passar de um estágio de conhecimento para outro.

2.2 Espaços

Para potencializar os entendimentos e análises acerca da biblioteca enquanto espaço de aprendizagem, é necessário explicitar a conceituação de espaço. Para alguns pesquisadores da área das Ciências Sociais, espaço e lugar são conceitos distintos. A análise dos mesmos será feita a partir dos estudos de Michel de Certeau que, ao estabelecer as diferenças, faz a seguinte descrição de lugar:

Um lugar é a ordem (seja ela qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha, portanto, excluída a possibilidade, para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei do “próprio”: os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar “próprio” e distinto que define. Um lugar é, portanto, uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade. (CERTEAU, 1998-2000, vol. 1, p. 202).

Quanto aos espaços, Certeau faz as seguintes considerações, pensando aspectos de mobilidade, tempo e mutabilidade:

Existe espaço sempre que se toma em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o

levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais. [...] Diversamente do lugar, não tem, portanto, nem a univocidade nem a estabilidade de um “próprio” (CERTEAU, 1998-2000, vol. 1, p. 202).

No que se refere ao conceito de espaço, Certeau (1998-2000, p. 202) apresenta a seguinte definição objetiva: “Espaço é um lugar praticado. Assim, a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres”. As bibliotecas são convertidas em espaços pela prática de seus usuários, nas suas rotinas diárias de estudos, pesquisas, leituras, descobertas. As bibliotecas são lugares praticados, pois nelas há desejo de aprender, há vida, cultura, interação social e, acima de tudo, conhecimento sendo construído e ampliado. A biblioteca, portanto, é mais que um espaço arquitetônico: “É um lugar de diálogo com o passado, de criação e inovação, e a conservação só tem sentido como fermento dos saberes e motor dos conhecimentos, a serviço da coletividade inteira” (BARATIN; JACOB, 2008, p. 9).

A rotina de uso de um lugar é o que passa a caracterizá-lo como um espaço praticado. Cunningham e Tabur (2012), em consonância com as ideias de Certeau, afirmam que os espaços de uma biblioteca não são delimitados apenas pelas imposições de organização da biblioteca. São os usuários que, de acordo com suas necessidades e interesses, criam espaços destinados a suas mais diversas atividades, como estudo individual, estudo em grupo, socialização, acesso ao computador.

Muitas vezes, a biblioteca enfrenta um conflito na disponibilização de seus espaços: há um número significativo de usuários em busca de um local silencioso, confortável, favorável à concentração, mas há, também, usuários em busca de espaços para socialização e confraternização. Torna-se necessário, dessa forma, delimitar cada vez mais os espaços, para a separação dos ambientes, isolamento acústico, algo preconizado por Both (2012, p. 121):

De um modo geral, salienta-se a importância da delimitação dos sectores de atividade ruidosos (como corredores e átrios de circulação propícios à interação social) das zonas de trabalho e estudo em silêncio através do afastamento físico dos espaços ou mudança do uso dos espaços.

2.3 Espaços de aprendizagem

As bibliotecas universitárias, desde a sua criação até meados do século XIX, apresentavam como função a preservação do seu

acervo. O acesso aos livros era extremamente restrito. Somente a partir do século XIX, os acervos de algumas instituições passaram a ser abertos à comunidade acadêmica. Atualmente, a maioria das bibliotecas universitárias tem como regra permitir o livre acesso dos usuários ao acervo para que possam manipular as obras e ter liberdade na escolha da informação de seu interesse. A partir do momento em que o usuário passou a ter livre acesso à biblioteca e, além disso, autonomia para permanecer nos seus espaços, um novo papel começa a ser atribuído a estas instituições. Elas passam a ser consideradas espaços de aprendizagem, com função relevante na construção de conhecimentos no ambiente acadêmico.

A biblioteca universitária caracteriza-se como uma organização que promove a aprendizagem na medida em que proporciona informação organizada e a geração de novos conhecimentos e, portanto, pode ser vista como uma organização inteligente ou organização do conhecimento (DUARTE; SILVA, 2004).

Segundo Pela (2006), não se pode conceber ensino/aprendizagem sem bibliotecas que, além de possibilitarem acesso à informação, têm papel relevante porquanto favorecem o desenvolvimento de potencialidades, capacitando pessoas, desenvolvendo alicerces para as mesmas formarem suas próprias ideias e tomarem suas próprias decisões. Este ponto de vista é reforçado por Silva *et al.* (2004, p. 135):

A biblioteca universitária está diretamente ligada ao ensino superior e é uma instituição fundamental para auxiliar no processo de aprendizagem. Sua influência está ligada ao auxílio, ao ensino, à pesquisa, ao atendimento a estudantes universitários e à comunidade acadêmica em geral. Seu papel é suprir as necessidades de informações técnicas, científicas e literárias ao ensino, à pesquisa e à extensão.

Segundo Leitão (2005, p. 15), são atribuições das bibliotecas a promoção e estímulo do conhecimento; a garantia do acesso igualitário a informações; a preservação da democracia, impedindo censura na constituição do seu acervo e a promoção da consciência de cidadania e emancipação do indivíduo.

No que se refere à relação entre a universidade e a biblioteca, Lück *et al.* (2000, p. 2) afirma que:

A biblioteca universitária pode ser entendida como a instância que possibilita à universidade atender às necessidades de um grupo social ou da sociedade em geral, através da administração do seu

patrimônio informacional e do exercício de uma função educativa, ao orientar os usuários na utilização da informação.

Dessa banda, verifica-se que universidades e bibliotecas têm a missão de servir à sociedade enquanto instituições criadoras, estimuladoras e transformadoras do conhecimento, constituindo-se em espaços de inovação. A partir de todo o conhecimento acumulado nas bibliotecas, em forma de livros, periódicos e tantos outros documentos, é possível avançar na aquisição de novos conhecimentos, sempre alicerçados naquilo que já foi pesquisado e construído pelas gerações anteriores. Bibliotecas constituem-se, simultaneamente, em espaços de transmissão, porque fazem a guarda e difusão do conhecimento e da cultura universal já constituída, e em espaços de criação e inovação, por oferecerem o subsídio para a construção de novos saberes. Anzolin e Correa (2008) afirmam que a biblioteca é cada vez mais exigida no sentido de responder, de um lado, às crescentes exigências de atualização (busca do conhecimento já consolidado) e, de outro, às demandas geradas pela produção do conhecimento, por meio da pesquisa de natureza científica (construção de novos saberes).

A pesquisa acadêmica encontra na biblioteca o seu alicerce. Não há pesquisa sem consulta exaustiva às mais variadas fontes de informação as quais são disponibilizadas, na sua maioria, pelas bibliotecas. Para que uma pesquisa obtenha êxito, é necessário o acesso a fontes confiáveis de informação. Atualmente, ter acesso a informações é relativamente fácil, contudo, nem todas são verídicas e de cunho científico. As bibliotecas procuram dar garantia ao pesquisador de que as informações disponibilizadas por elas provêm de fontes seguras. Sendo assim, Pérez Rodrigues e Milanes Guisado (2008) afirmam que a biblioteca é o motor propulsor da produção científico-universitária.

Ao analisar as bibliotecas universitárias enquanto espaços de aprendizagem, verifica-se que um dos seus grandes desafios é intermediar o processo de transformação das informações em conhecimento (SOUSA, 2009).

Almada e Blattmann (2006, p. 12) ressaltam a contribuição da biblioteca na aprendizagem:

A importância da biblioteca no ambiente educacional deveria ser um espaço primoroso para desenvolver e aprimorar as competências necessárias para sobreviver na sociedade da informação, na qual o uso intensificado de tecnologias da informação e comunicação são uma

constante para conviver com pessoas.

O papel e a contribuição das bibliotecas no processo de aprendizagem ganham destaque nos estudos de Fischer (2003) e Carpinteiro (2004), sendo que Gomes (2006) atribui às bibliotecas um papel, tanto de revisão e aprofundamento de conhecimentos já elaborados como de construção e ressignificação de novos conhecimentos.

Considera-se a biblioteca um ambiente de mediação entre as ações de condensação, de expressão e de registro de um conhecimento produzido e aquelas que os sujeitos realizam para a ampliação do conhecimento que ali está reduzido, na tentativa de retomá-lo, revisá-lo e, portanto, ressignificá-lo. (GOMES, 2006, p. 51).

Juceviciene e Tautkeviciene (2002) definem espaço de aprendizagem como um lugar onde o aluno interage com fontes de informação (assim como interage com indivíduos mais experientes) e adquire conhecimentos, habilidades e valores.

Bibliotecas são espaços diferenciados para a aprendizagem, especialmente porque há intencionalidade no seu uso. A utilização da biblioteca e de outros espaços não formais de aprendizagem é decorrente da decisão, da vontade e da iniciativa de cada indivíduo. Há, portanto, desejo de aprender, de buscar informação, de ampliar conhecimentos. Nesse ambiente, o aprendiz é convidado a fazer escolhas, usando textos e objetos para responder a perguntas e sugerir pensamentos novos (DUDZIAK, 2001).

Juceviciene e Tautkeviciene (2003) destacam que as bibliotecas acadêmicas tornaram-se importantes unidades informacionais no contexto universitário e elementos ativos no processo de aprendizagem. A riqueza de fontes de informação aliada às tecnologias da comunicação são as condições ideais para criar um espaço de aprendizagem na biblioteca. Contudo, conforme as mesmas autoras, esta riqueza de informações não é suficiente para garantir o desenvolvimento de um ambiente de aprendizagem. É o usuário, dentro do espaço da biblioteca, que irá identificar um ambiente que possa ajudar a atingir as metas de aprendizagem que ele fixou (JUCEVICIENE; TAUTKEVICIENE, 2003).

Cada usuário escolhe o espaço de aprendizagem na biblioteca acadêmica de uma maneira diferente. Logo, é primordial que as bibliotecas estejam atentas às necessidades de seus usuários, criando espaços diversificados de aprendizagem que visam contemplar uma gama maior de frequentadores. Faz-se necessário que os responsáveis pelas bibliotecas universitárias acompanhem as

rotinas de uso da biblioteca, consultando a sua equipe e procurando saber a opinião dos usuários.

Juceviciene e Tautkeviciene (2002) destacam que “os ambientes de aprendizagem podem ser naturais ou intencionalmente organizados”. As bibliotecas universitárias devem constituir-se em espaços intencionalmente organizados. Neles, a organização requer a compreensão dos diferentes perfis de usuários, pois cada indivíduo percebe um espaço de aprendizagem de forma diferente: o mesmo ambiente pode favorecer ou inibir a aprendizagem de diferentes pessoas.

O usuário percebe o seu espaço de aprendizagem de acordo com a sua própria experiência. É imprescindível, portanto, criar espaços de aprendizagem centrados no usuário, baseados na noção de que os alunos têm diferentes saberes, diferentes atitudes e diferentes estilos de aprendizagem. Assim, um espaço de aprendizagem deve empregar muitos componentes, a fim de atingir um grande número de usuários. Os alunos é que irão decidir o que é significativo para eles. Um espaço de aprendizagem deve ser organizado de forma que o indivíduo seja artífice do seu próprio desenvolvimento pessoal. Os espaços de aprendizagem são caracterizados pela diversidade, escolha e adequação às necessidades do aluno. Nestes espaços, se bem organizados e planejados, o aluno poderá interagir com fontes de informação e com indivíduos mais experientes, adquirindo conhecimentos, habilidades e valores, por meio de atividade baseadas na intencionalidade e reflexão (JUCEVICIENE; TAUTKEVICIENE, 2002).

Kuhlthau (1999, p. 9), bibliotecária e pesquisadora da relação entre Biblioteconomia e aprendizagem, destaca que “uma das características mais importantes da tecnologia é que ela modifica o ambiente de aprendizagem, transformando o ambiente escasso em termos de fonte de informação em um ambiente de abundância de fontes”. Em um mundo repleto de informações, é imprescindível ser competente no uso das tecnologias da informação e comunicação, a fim de buscar, acessar e utilizar fontes confiáveis. A mesma autora destaca que “competência é a habilidade de construir sentido por si mesmo, em um ambiente rico em informação” (KUHALTHAU, 1999, p. 10).

Campello (2009), após estudo das obras da bibliotecária Carol Kuhlthau, faz as seguintes considerações sobre a aprendizagem:

- 1) O estudante aprende ao se envolver ativamente com a aprendizagem, ao refletir sobre suas experiências; 2) Aprende

construindo conhecimentos a partir do que já sabe; 3) Desenvolve pensamentos de ordem superior por meio de mediação em pontos críticos do processo de aprendizagem; 4) Cada aluno tem maneiras diferentes de aprender; 5) O aluno aprende através de interações sociais; 6) O aluno aprende por meio de mediação.

Forrest (2009) afirma que a transformação contínua do papel da biblioteca requer uma remodelagem dos seus espaços. Simons, Young e Gibson (2000) destacam que as bibliotecas, ao analisarem a necessidade de seus usuários, precisam reinventar-se, criando espaços multiusos, flexíveis, servindo para atender às necessidades de aprendizado das novas gerações de estudantes e das que as sucederem. Appleton, Stevenson e Boden (2011) afirmam que as bibliotecas universitárias estão em uma posição única dentro de uma universidade, pois, em decorrência do seu vasto contato com a comunidade acadêmica, conhecem as suas demandas e tendências, possibilitando, com isso, a oportunidade de elaborar estratégias de ensino/aprendizagem específicas para a realidade daquela comunidade.

Diversos autores, tais como Almada e Blattmann (2006), Dudziak (2001), Gomes (2006), Fischer (2003), Fernández-Martínez (2004), Carpinteiro (2004), destacam o papel e a contribuição das bibliotecas no processo de aprendizagem. Ao refletir sobre este papel e, conseqüentemente, sobre a função dos bibliotecários, Dudziak (2001, p. 151) afirma que:

A biblioteca é concebida como um espaço de aprendizado e o profissional da informação aparece ora como gestor do conhecimento, ora como mediador nos processos de busca da informação. Ser mediador implica em auxiliar, guiar e intervir nos processos de busca da informação de outras pessoas.

Leitão (2005, p. 24) também analisa a função dos bibliotecários ressaltando que:

As bibliotecas, como o mundo todo, estão passando por transformações. A informação deve ser confiável, resultando assim em conhecimento. Hoje, o tempo de espera para se obter uma informação não pode ser comparado ao tempo em que não existiam suportes necessários à recuperação da informação. O papel do bibliotecário neste mundo não é mais o de guardador de acervos, mas o de um profissional que encontrará a informação desejada no momento certo, contribuindo decisivamente com o processo de transformação da informação em conhecimento.

Em consonância com essa visão do profissional bibliotecário, Bennett (2009) argumenta que os bibliotecários devem deixar de considerar sua profissão somente como de guardiões da informação ou de apoio ao trabalho acadêmico e passar a engajar-se, com alunos e professores, na busca da aprendizagem em consonância com os objetivos da instituição de ensino.

Diversos são os autores que enfatizam o papel das bibliotecas como instituições mediadoras do processo de aprendizagem. Dudziak (2001, p. 155) afirma que “as bibliotecas e serviços de informação, enquanto instituições culturais e educacionais, são os mediadores fundamentais nos processos de aprendizado que visam a competência em informação e o aprendizado ao longo da vida”.

Bennett (2009) destaca que a mais importante função educativa da biblioteca é fomentar uma cultura de aprendizagem intencional. Para tanto, de acordo com este mesmo autor, aqueles que planejam e organizam uma biblioteca devem pensar mais como educadores e menos como prestadores de serviços, procurando compreender como as pessoas aprendem e de que forma a biblioteca pode tornar-se, efetivamente, um espaço de aprendizagem.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hoje, vive-se em uma sociedade da informação, na qual, como em nenhum outro período histórico, a facilidade de acesso ao conhecimento construído pela humanidade foi tão grande. O segredo está em saber usar com sabedoria as informações. Para Fujino (2004, p. 21), é preciso que as instituições repensem a sua relação com o saber, uma vez que, com “a diversidade de conhecimentos em contínua expansão e o crescente aumento dos meios de acesso e difusão de informações, a vida acadêmica se vê irreversivelmente afetada”. Nesse contexto, destaca-se a biblioteca universitária, que necessita posicionar-se crítica e ativamente perante as mudanças, adotando novas atitudes, a fim de reforçar, cada vez mais, seu papel primordial para a aprendizagem no ambiente acadêmico.

Sabe-se que o processo de aprendizagem não está restrito às salas de aula, podendo acontecer em qualquer lugar, a qualquer momento. Nesse aspecto, a biblioteca é um local singular, onde alunos e professores encontram acomodações adequadas e ambientes propícios para o estudo e a interação social, além do contato, sem restrição, com os mais diversos suportes informacionais.

A relação das bibliotecas com a busca do conhecimento está historicamente consolidada.

Para Lev Vygotsky, as relações sociais e o meio são fundamentais para o desenvolvimento intelectual de um indivíduo. A mediação, compreendida como a multiplicidade de relações entre sujeitos e entre sujeito e objeto, constitui-se em elemento essencial para a aprendizagem. É neste aspecto que a função educativa das bibliotecas torna-se relevante, pois elas são espaços favoráveis às relações sociais, bem como à interação dos indivíduos com as mais variadas fontes de informação. Professores, colegas mais experientes e bibliotecários, que compartilham os espaços da biblioteca, tornam-se mediadores e, dessa forma, contribuem para a aprendizagem daqueles com os quais se relacionam neste ambiente. No uso dos espaços da biblioteca há intencionalidade, ou seja, aqueles que buscam seus espaços, o fazem por vontade e iniciativa próprias.

Assim, é imprescindível que todos os envolvidos no processo de planejamento e organização de uma biblioteca universitária estejam cientes do seu papel enquanto educadores e mediadores no acesso à informação e não como prestadores de serviços, a fim de que a biblioteca possa consolidar-se, efetivamente, enquanto um espaço de aprendizagem e perpetuar-se como centro do saber inserido na sociedade da informação.

REFERÊNCIAS

ALMADA, Magda; BLATTMANN, Ursula. **Biblioteca no ambiente educacional e a sociedade da informação**. Apresentação oral apresentada por Magda Almada no XIV SNBU, Salvador (Bahia) dia 24 de outubro de 2006, às 17h30min. Eixo temático: As redes e virtualidades da pesquisa acadêmica – Sala Violeta – Disponível em: <http://www.ced.ufsc.br/~ursula/papers/Magda_Ursula_SNBU.pdf>. Acesso em: 17 set. 2011.

ANZOLIN, Heloisa Helena; CORREA, Rosa Lydia Teixeira . Biblioteca universitária como mediadora na produção de conhecimento. **Revista Diálogo Educacional (PUCPR)**, Curitiba, v. 8, p. 801-817, 2008. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/DIALOGO?dd1=2448&dd99=view>> . Acesso em: 17 set. 2011.

APPLETON, Leo; STEVENSON, Valerie; BODEN, Debbi. Developing learning landscapes: academic libraries driving organisational change. **Reference Services Review**, Ann Arbor (USA), v. 39, n. 3, p. 343-361, 2011. Disponível em: <<http://www.emeraldinsight.com/journals.htm?issn=0090->

7324&volume=39&issue=3&articleid=1947823&show=html&PHPSESSID=vqp1jlsunqr9jmmqsqertddd77 >. Acesso em: 12 jan. 2013.

BARATIN, Marc; JACOB, Christian (orgs). **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no ocidente**. 3.ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

BARROS, Ricardo Paes; MENDONÇA, Rosana. **Investimentos em educação e desenvolvimento econômico**. Texto para discussão 525. Rio de Janeiro: IPEA, 1998. Disponível em: <http://ipea.gov.br/pub/td/1997/td_0525.pdf>. Acesso em: 15 out. 2013.

BENNETT, Scott. First questions: for designing higher education learning spaces. **The Journal of Academic Librarianship**, Ann Arbor (USA), 2007, v. 33, n. 1, p. 14-26. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S009913330600156X>>. Acesso em: 15 jul. 2012.

BENNETT, Scott. Learning behaviors and learning spaces. **Libraries and the Academy**, Baltimore (USA), v. 11, n. 3, p. 765-789, 2011. Disponível em: <<http://www.libraryspaceplanning.com/assets/resource/Learning%20Spaces%20and%20Learning%20Behaviors%20Web%20version.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2012.

BENNETT, Scott. Libraries and learning: a history of paradigm change. **Libraries and the Academy**, Baltimore (USA), v. 9, n. 2, p.181-197, 2009. Disponível em: <<http://www.libraryspaceplanning.com/assets/resource/Libraries-and-learning.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2012.

BENNETT, Scott. The choice for learning. **The Journal of Academic Librarianship**, Ann Arbor (USA), v. 32, n. 1, p. 3-13, 2006. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0099133305001308>>. Acesso em: 15 jul. 2012.

BENNETT, Scott. The information or the learning commons: which will we have?. **The Journal of Academic Librarianship**, Ann Arbor (USA), v. 34, n.3, p.183-185, 2008. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0099133308000311>>. Acesso em: 15 jul. 2012.

BOTH, Katherine. **Bibliotecas Universitárias: análise da organização, flexibilidade e adaptabilidade dos seus espaços**. 2012. 472 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2012. Disponível em: <<https://dspace.ist.utl.pt/bitstream/2295/1283335/1/Dissertacao.pdf>>. Acesso em 15 out. 2013.

CAMPELLO, Bernadete Santos *et al.* **A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CAMPELLO, Bernadete Santos. **Letramento informacional: função educativa do bibliotecário na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CARPINTEIRO, Cristiane Neli de Carvalho. **A Biblioteca universitária como**

espaço de aprendizagem e de formação do aluno pesquisador. 2004. 159 f. Dissertação (Mestrado) - UNIFEI, Itajubá, 2004. Disponível em: <<http://admet-a.unifei.edu.br/phl/pdf/0030890.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2011.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano.** 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998-2000. 2 v.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações.** 2.ed. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

CHARTIER, Roger. (Org.). **Práticas da leitura.** São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

COLOMBO, Sonia Simões; RODRIGUES, Gabriel Mario. **Desafios da gestão universitária contemporânea.** Porto Alegre, RS: Artmed, 2011. Disponível em:

<<http://online.minhabiblioteca.com.br/books/9788536326047/page/101>>. Acesso em: 13 ago. 2013.

COLOMINA, Rosa; ONRUBIA, Javier. Interação educacional e aprendizagem escolar: a interação entre alunos. In: COLL, César; PALACIOS, Jesús; MARCHESI, Alvaro. **Desenvolvimento psicológico e educação.** 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. v. 2, p. 280-293.

CUNNINGHAM, Heather V., TABUR, Susanne. Learning space attributes: reflections on academic library design and its use. **Journal of Learning Spaces**, Gresham, v. 1, n. 2, 2012. Disponível em: <<https://libjournal.uncg.edu/index.php/jls/article/view/392/287>>. Acesso em: 13 ago. 2013.

DONKAI, Saori; TOSHIMORI, Atsushi; MIZOUE, Chieko. Academic libraries as learning spaces in Japan: toward the development of learning commons. **The International Information & Library Review**, London, v. 43, n. 4, p. 215-220, dez. 2011. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1057231711000531>>. Acesso em: 15 jul. 2012.

DUARTE, E. N.; SILVA, A. K. A biblioteca universitária como organização do conhecimento: do modelo conceitual às práticas. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 13, 2004, Natal. **Anais...** Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2004. 1 CD-Rom.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. **A information literacy e o papel educacional das bibliotecas.** 2001. 187 f. Dissertação (Mestrado) – USP, São Paulo, 2001. Disponível em:

<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27143/tde-30112004-151029/publico/Dudziak2.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2011.

ELBESHAUSEN, Hans. Knowledge in dialogue: empowerment and learning in public libraries. **Journal of Information, Communication and Ethics in Society**, London, v. 5, n. 2/3, p. 98-115, 2007. Disponível em: <<http://www.emeraldinsight.com/journals.htm?articleid=1631540>>. Acesso

em: 13 ago. 2013.

FERNÁNDEZ-MARTÍNEZ, Luis Maria. La biblioteca universitaria y el espacio europeo de Educación Superior. **Boletín de ANABAD**, Madrid, n. 4, oct.-dic. p. 93-101. 2004. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/bitstream/10760/10355/1/La_Biblioteca_universitaria_y_el_Espacio_Europeo_de_Educaci%c3%b3n_Superior.pdf>. Acesso em: 17 set. 2011.

FINO, Carlos Nogueira. Vygotsky e a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP): três implicações pedagógicas. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, v. 14, n. 2, p. 273-291, 2001. Disponível em: <<http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes/11.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2013.

FISCHER, Bidy. Do libraries aid learning? Approaches and methods for measuring impact. A report of the LIRG/SCONUL seminar, 9-10 December 2002, Scarborough, 2003. **Library and Information Research**, London, v. 27, n. 85, p. 22-25, Spring 2003. Disponível em: <<http://eprints.rclis.org/bitstream/10760/6068/1/article85c.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2011.

FORREST, Charles. Academic Libraries as Learning Spaces: library effectiveness and the user experience. **Georgia Library Quarterly**, Georgia, v. 46, n. 3, art. 4, 2009. Disponível em: <<http://digitalcommons.kennesaw.edu/glq/vol46/iss3/4>>. Acesso em: 15 out. 2013.

FRAGOSO, Graça Maria; DUARTE, Rogério. Livro, leitura, biblioteca ... uma história sem fim. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 9, p. 166-170, 2004. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/383>>. Acesso em: 17 set. 2011.

FRAGOSO, Graça Maria. Biblioteca na escola. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.7, n.1, p.124-131, 2002. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/380/460>>. Acesso em: 12 jan. 2014.

FUJINO, Asa. Ensino com pesquisa: nova abordagem pedagógica em informação científica e tecnológica (ICT). In: RODRIGUES, Mara Eliane Fonseca; CAMPELLO, Bernadete Santos (orgs.). **A (Re)significação do processo de ensino/aprendizagem em Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Niterói: Intertexto; Rio de Janeiro: Interciência, 2004.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: aval.pol.públ.Educ.**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, mar. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405.pdf>>. Acesso em: 27 Abr. 2013.

GOMES, Henriette Ferreira. **Práticas pedagógicas e espaços informacionais da universidade: possibilidades de integração na construção do espaço crítico**. 2006. 371 f. Tese (Doutorado) – Universidade

Federal da Bahia, Faculdade de Educação, 2006.

Disponível em:
<<http://www.rcaap.pt/detail.jsp?id=urn:repor:ibict.brall:oai:www.ufba.br:581>>.
Acesso em: 30 abr. 2012.

HATSCHBACH, M. H. de L. **Information literacy**: aspectos conceituais e iniciativas em ambiente digital para o estudante de nível superior. 2002. 109 f. Dissertação (Mestrado) – IBICT-UFRJ/ECO, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <<http://ibict.phlnet.com.br/anexos/mariahelena2002.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2011.

JUCEVICIENE, P.;TAUTKEVICIENE, G. "Triangle of Competences" as one of the basic characteristics of the university library learning environment. European Conference on Educational Research, Lisbon. **Proceedings** ... Lisbon: European Educational Research Association, 2002, p. 1-9. Disponível em: <http://www.leeds.ac.uk/educol/documents/00002343.htm>>. Acesso em: 11 set. 2011.

JUCEVICIENE, P.; TAUTKEVICIENE, G.. Academic library as a learning environment: *how do students perceive it?* Paper presented at the European Conference on Educational Research, University of Hamburg. **Proceedings** ... Hamburg: European Educational Research Association, September 2003, p. 17-20,. Disponível em: <http://www.leeds.ac.uk/educol/documents/00003274.htm>>. Acesso em: 11 set. 2011.

JUCEVICIENE, P.; TAUTKEVICIENE, G.. The library learning environment as a part of university educational environment Paper presented at the European Conference on Educational Research, University of Crete. **Proceedings** ... Crete: European Educational Research Association, September 2004, p. 22-25. Disponível em: <http://www.leeds.ac.uk/educol/documents/00003737.htm>>. Acesso em: 11 set. 2011.

KUHLTHAU, Carol Collier. **Como orientar a pesquisa escolar**: estratégias para o processo de aprendizagem. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

KUHLTHAU, Carol Collier. Learning in Digital Libraries: An Information Search Process Approach. **Library Trends**, New Brunswick, v. 45, n. 4, Spring 1997, p. 708-724. Disponível em: <https://www.ideals.illinois.edu/bitstream/handle/2142/8113/librarytrendsv45i4k_opt.pdf?sequence=1>. Acesso em: 15 out. 2013.

KUHLTHAU, Carol Collier. O papel da biblioteca escolar no processo de aprendizagem. In: VIANNA, Márcia Milton; CAMPHELLO, Bernadete; MOURA, Victor Hugo Vieira. **Biblioteca escolar**: espaço de ação pedagógica. Belo Horizonte: EB/UFMG, 1999. p. 9-14. Disponível em: <http://gebe.eci.ufmg.br/downloads/103.pdf> . Acesso em: 15 out. 2013.

LEITÃO, Bárbara Julia Menezello. **Avaliação qualitativa e quantitativa numa biblioteca universitária**: grupos de foco. Rio de Janeiro: Interciência,

2005.

LÜCK, Esther Hermes *et al.* A biblioteca universitária e as diretrizes curriculares do ensino de Graduação. *In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS*, 11., 2000, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: UFSC, 2000. Disponível em: <<http://snbu.bvs.br/snbu2000/docs/pt/doc/t024.doc>>. Acesso em: 17 set. 2011.

MARTINS, Maria de Fátima Castanheira. **Representações das crianças em relação às bibliotecas como espaços de aprendizagem.** Lisboa: Universidade de Lisboa, 2010.

MOLL, Luis C. **Vygotsky e a educação:** implicações pedagógicas da psicologia sócio-histórica. Porto Alegre: Artmed, 1996.

MOREIRA, Marco Antonio. **Teorias de aprendizagem.** São Paulo: EPU, 1999.

NICO, Bravo. Práticas educativas e aprendizagens formais e informais: encontros entre cidade, escola e formação de professores. *In: BRAGANÇA, Inês et al (Orgs.). Vozes da Educação: memórias, histórias e formação de professores.* Petrópolis: DP et Alii Editora, 2008. p. 197-206.

OLIVEIRA, Marta Kohl de; VIGOTSKY, Lev Semenovich. **Vygotsky:** aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico. 5.ed. São Paulo: Scipione, 2010-. Disponível em: <<https://ucsvirtual.ucs.br/>>. Acesso em: 24 nov. 2011.

PELA, Mary Arlete Payão. **A biblioteca universitária, espaços formativos e inclusão:** a perspectiva de graduandos com deficiência visual. 2006. 93 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Cidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.cidadesp.edu.br/old/mestrado_educacao/dissertacoes/2006/mar_y_arlete_payao.pdf>. Acesso em: 17 set. 2011.

PEREZ RODRIGUEZ, Yudit; MILANES GUIASADO, Yusnelkis. La biblioteca universitaria: reflexiones desde una perspectiva actual. **ACIMED**, Ciudad de La Habana, v. 18, n. 3, sept. 2008. Disponível em: <http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1024-94352008000900004&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 17 set. 2011.

ROSA, P. R. da S. **Instrumentação para o Ensino de Ciências.** Campo Grande: Editora UFMS, 2011. v. 1.

SILVA, Chirley C. M., *et al.* Serviço de coleções especiais da biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina: estágio curricular. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 9, p. 134-140, 2004. Disponível em: <<http://www.acbsc.org.br/revista/ojs/viewarticle.php?id=102>> Acesso em: 17 set. 2011.

SILVA, Edilene Maria da. **A influência das políticas de informação científica.** 2009. 116 f. Dissertação (Mestrado) - UFPB, João Pessoa, 2009a.

Disponível em:
<<http://dci2.ccsa.ufpb.br:8080/jspui/bitstream/123456789/120/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20CI%20EDILENE%20M%20SILVA.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2011.

SIMONS, K.; YOUNG, J.; GIBSON, C. The Learning Library in Context: Community, Integration, and Influence. **Research Strategies**, Amsterdam, n. 17, p. 123-132, 2000. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0734331000000367>>. Acesso em: 12 nov. 2011.

SOUSA, Margarida Maria De. **A biblioteca universitária como ambiente de aprendizagem no ensino superior**. 2009. 90 f. Dissertação (Mestrado) - USP, São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-20102009-153956/publico/Margarida_M_Sousa DISSERT.pdf>. Acesso em: 17 set. 2011.

VAN DER VEER, René; VALSINER, Joan. **Vygotsky uma síntese**. São Paulo: Loyola, 1996.

VARELA, Aída. **Informação e construção da cidadania**. Brasília: Thesaurus, 2007.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. Imagination and Creativity in Childhood. **Journal of Russian and East European Psychology**, Armonk (USA), v. 42, n. 1, p. 7-97, 2004. Disponível em: http://lchc.ucsd.edu/mca/Mail/xmcamail.2008_03.dir/att-0189/Vygotsky__Imag__Creat_in_Childhood.pdf. Acesso em: 15 out. 2013

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem**. 2.ed. São Paulo: M. Fontes, 1998.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Psicologia pedagógica**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2003.

VYGOTSKY, Lev Semenovich; COLE, Michael. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6.ed. São Paulo: M. Fontes, 1998.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VYGOTSKY, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONT'EV, Aleksei Nikolaevich. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 7.ed. São Paulo: Ícone, 2001. p. 103-119.

